

LER NO QUARTO, LER NA SALA, LER NO ÔNIBUS, LER NAS BIBLIOTECAS PÚBLICAS E PESSOAIS: REFAZER EFEITOS

■ DENICE BARBARA CATANI

<https://orcid.org/0000-0001-6019-8969>

Universidade de São Paulo

RESUMO

O texto apresenta um conjunto de reflexões sobre leitura e formação estruturadas a partir de uma retomada da história pessoal da autora e analisa a problemática dos sentidos que a leitura pode adquirir ao longo das experiências de vida. Pensar os tempos e espaços em que se exerce a atividade, nos momentos e lugares nos quais se lê, permite aqui refazer efeitos das diversas obras que fomos conhecendo e dos modos pelos quais fomos nos apropriando delas continuamente e com elas conformando nosso pensamento. A história da constituição de nossas *bibliotecas vividas* é, em muitos aspectos, a história de nossa formação conforme o texto testemunha. A análise que se elaborou também se beneficia de iniciativas que foram desenvolvidas com colegas professores e alunos dos cursos de Pedagogia e Licenciatura, no quadro de debates acerca dos processos de formação, da aquisição do gosto pela leitura, do seu cultivo e do papel que ela exerce no cerne dos processos de aprendizagem escolar. Assim, sem olvidar os grandes problemas da leitura e seu ensino escolar, o texto transita dos sentidos individuais para os sentidos sociais envolvidos nas possibilidades de acesso aos livros e aos efeitos dos atos de ler. **Palavras-chave:** Leitura e formação. Tempos e espaços de leitura. Bibliotecas pessoais. Relações com a leitura.

ABSTRACT

READING IN THE ROOM, READING IN THE LIVING ROOM, READING ON THE BUS, READING AT SCHOOL, READING AT PUBLIC AND PERSONAL LIBRARIES: RECONSTRUCTING THE EFFECTS

The text presents a set of reflections on reading development structured from a review of the author's personal story also analyzes the problem of the meaning reading can acquire throughout life experiences. Thinking about the time and space in which we accomplish

reading besides moments and places in which it occurs allows us to reconstruct the effects of the numerous works we have known; likewise, the forms in which we have continually taken ownership of books to shape our thinking. Constituting the history of our own *lived library* is, in many ways, the chronicle of our formation attested by the texts. The elaborated analysis benefits from the initiatives that have been incited among the Pedagogy degree colleagues, professors and students inside the School of Education at the University of São Paulo. Debates set in the context of the formative processes, reading acquisition, its promotion and the role it plays in the core of school learning. Therefore, once the numerous problems related to reading and schooling are forgotten, this text moves from the personal and individual meanings to the social worth associated with the possibilities of book access and the effects behind the act of reading.

Keywords: Formative reading. Reading times and spaces. Personal libraries. Relations with reading.

RESUMEN

LEER EN EL CUARTO, LEER EN LA SALA, LEER EN EL AUTOBÚS, LEER EN LA ESCUELA, LEER EN LAS BIBLIOTECAS PÚBLICAS Y PERSONALES: RECONSTRUIR LOS EFECTOS

El texto presenta un conjunto de reflexiones sobre la lectura y su formación estructuradas a partir de una revisión de la historia personal de la autora y analiza el problema de los sentidos que la lectura puede adquirir a lo largo de las experiencias de vida. Pensar en los tiempos y espacios en los que se realiza la actividad, en los momentos y lugares en los que se lee, nos permite reconstruir los efectos que consiguen las diversas obras que hemos conocido; así mismo, las formas en las que continuamente nos hemos apropiado de ellas para conformar nuestro pensamiento. La conformación de nuestra *biblioteca de vida* es, en muchos aspectos, la historia de nuestra formación según el texto que lo atestigüe. El análisis elaborado también se beneficia de las iniciativas que se han desarrollado con los colegas, profesores y estudiantes de los cursos de la Licenciatura en Pedagogía de la Facultad de Educación de la Universidad de São Paulo, en el marco de los debates sobre los procesos de formación, la adquisición del gusto por la lectura, su fomento y el papel que desempeña en el núcleo de los procesos de aprendizaje escolar. Por tanto, olvidando los grandes problemas de la lectura y su enseñanza escolar, el texto transcurre de los sentidos personales e individuales

a los sentidos sociales implicados en las posibilidades de acceso a los libros y los efectos del acto de leer.

Palabras clave: Lectura y formación. Tiempos y espacios de lectura; Bibliotecas personales; Relaciones con la lectura.

O leitor bulímico tem os olhos maiores do que a barriga e, frequentemente, o desejo de partilhar com os outros seus festins de papel. (GAZIER, 2010)

Há poucos anos realizamos, em minha casa, seminários acerca d' *A poética do espaço* do filósofo Gaston Bachelard (1884-1962). Hoje, ao escrever acerca das bibliotecas pessoais, refaço interiormente e assistematicamente alguns efeitos daquelas leituras partilhadas. De início, escolho tratar dos espaços pessoais de leitura, internos e externos à casa. E dos tempos do ponto de vista da minha história de formação e de relações com os livros. É desta história que falarei tentando identificar aspectos e momentos que contribuíram para estruturar tais relações. Importa marcar que não se trata de análise que adere ao autor acima referido, mas sim deixa-se apenas permear por sentidos encontrados no livro. No dele e no de muitos outros autores de modo a fazer frutificar o meu próprio pensamento e testemunhar pela análise que o prazer de ler, do livro e de sua posse deve estar ao alcance de todos constituindo um dos principais desafios da escola por ser a leitura atividade nucleadora de grande parte das possibilidades de aprendizado.

O delicado intervalo que se impõe entre as dimensões individuais e coletivas da leitura e a força dessas duas dimensões serão aqui objeto de atenção: ao considerar a casa, pergunto-me, quem lê em cada espaço? Na minha trajetória, quais espaços escolhi (quando pude escolher)? Os efeitos do “lugar de leitura” foram e são potentes. Num escritório (na casa que o tem), na mesa de refeições, na cama, no quarto, no banheiro? Pode-se e posso evo-

car efeitos, condicionantes, percepções. Ler na escola? Um livro proibido, lido de cabeça baixa e guardado às pressas numa carteira do tempo em que possuíam lugar para se guardar materiais. Ler para refletir, para reproduzir nas provas e avaliações da vida escolar. Para se distrair? Ler no ônibus, pedaços de livros e textos, no metrô, ler nas filas dos serviços públicos: qual texto, livro ou revista permite ser lido assim? Todos. Decerto essa resposta põe em cena as formas de apropriação.

Como, nas nossas trajetórias pessoais, os modos e espaços de ler foram se alterando, como as relações com a atividade impregnaram-se de novos sentidos e alcance? O que se pode e quem pode – nas nossas condições sócio-históricas e dadas as injunções que envolvem o acesso à leitura – responder a estas perguntas? Porque a escola deve tornar esta possibilidade aberta a todos, as questões aqui aventadas adquirem significado especial para os que se interessam pela educação, principalmente a educação dos professores. Há aqui alguns pressupostos que, mesmo sendo bem conhecidos, vale lembrar: 1) a leitura produz sentidos (efeitos) estruturantes para a nossa imaginação e percepção do mundo; 2) o gosto pela leitura pode ser aprendido; 3) cabe à escola contribuir para o seu desenvolvimento. Ainda vale sublinhar que bem gostaríamos de ver nosso testemunho funcionar como uma defesa e um convite à reflexão sobre as próprias histórias de formação e o sentido produtivo dessa reconstituição das relações com a leitura, a ser desenvolvida principalmente por aqueles que exercem o trabalho de ensinar em todos os níveis de escolarização. E, igualmente, vale

lembrar que com esse reconhecimento foram propostas e desenvolvidas inúmeras ações de formação docente, no Brasil, principalmente a partir dos anos 1990, reconfigurando algumas potencialidades do recurso às histórias de vida. Também diversas análises foram concretizadas, entre outros, pelo Grupo de Estudos, Docência, Memória e Gênero, na Faculdade de Educação da USP.

No contexto de uma iniciativa de discussões com alunos e colegas, no decorrer dos anos de 2018 e 2019 aprendi muito e alimentei minhas reflexões a partir das que eles propuseram e elaboraram¹. Nessas discussões, muitos problemas recorreram e ao serem formulados foram incorporando aspectos novos. Da maneira como os percebo poderia enunciar parte deles assim: Quais seriam alguns dos fatores que permitiriam o desenvolvimento de relações positivas com a leitura? Como, nas histórias pessoais temos exemplos da formação do gosto envolvendo o ler? E como se produz em nossas histórias a transformação do gosto e das bibliotecas pessoais? Quais os limites da escola no desenvolvimento dessas relações? Como a reflexão sobre as próprias relações com a leitura pode auxiliar os professores no seu ensino e formação? Quais as especificidades das leituras escolares em diferentes níveis de ensino (fundamental, médio e universitário) e como tais especificidades são tematizadas e aprendidas pelos estudantes? É certo que muitos aspectos mencionados integram o quadro dos trabalhos e estudos já dis-

1 Realizamos alguns ciclos de palestras na Faculdade de Educação da USP que objetivavam apresentar aos alunos de Pedagogia e Licenciatura reflexões originais escritas por alguns dos professores especialmente para esses eventos periódicos e debater questões relativas à leitura e seu potencial estruturante na formação e nas histórias pessoais. Muitas das questões mencionadas neste texto foram desenvolvidas no quadro desta iniciativa e compartilhadas pelo grupo composto por Ana Laura Godinho Lima, Juliana de Sousa Silva, Katiene Nogueira da Silva, Patrícia Aparecida do Amparo, Roni Cleber Dias de Menezes e Vivian Batista da Silva.

poníveis sobre leitura e também que é vasta área de pesquisas sobre esta atividade.

Eximindo-me de retomar sistematicamente a produção penso que posso permitir que as perguntas indicadas percorram o texto que nasceu delas em busca de reenquadramentos que possam fecundar a discussão sobre “o que fazer” educativo.

A ajuda de P. Bourdieu

Em muitas direções, o texto *Leitura, leitores, letrados e literatura* (1990) já nos deu ideias sobre as questões indicadas. Vou então me permitir retomar algumas para pensar a partir delas e cabe observar, valendo-me do que já foi dito a propósito das *bibliotecas vividas*. Bourdieu tem um papel destacado na estruturação dos meus modos de pensar. Desde há muito “penso com ele” e a partir dele, ainda quando não tenho isto presente. A expressão “pensar com”, no sentido usado aqui é do próprio Bourdieu. Posso dizer que ele se tornou um dos meus clássicos, num sentido ampliado a partir das observações de I. Calvino (1993). A indagação central de Bourdieu, no texto referido acima, é “Será que se pode ler um texto sem se interrogar sobre o que significa ler? (...) Sem se perguntar quais são as condições sociais de possibilidade da leitura?” (BOURDIEU, 1990, p. 134). Aprofundando esse exame e retomando distinções como as de auctor e lector, o sociólogo nos estimula a pensar diferentes modalidades de relações com esta atividade. Faço decorrer daí uns apontamentos: como professores, para quem é fundamental o trabalho com o ler, temos sempre presentes as condições sociais de possibilidade da leitura? E mais, não seria requisito essencial do trabalho pedagógico a reconstituição da história pessoal de cada professor em suas relações com a leitura? E, ainda, não seria requisito para o exercício deste trabalho a compreensão do

impacto que estas nossas relações têm sobre os modos de organizar as exigências frequentemente impostas aos alunos? O que significa ler em cada um dos níveis de escolarização? E na universidade quando se assume, de saída, que “todos sabem ler bem”? No horizonte das reflexões empreendidas aqui não abandonamos tais inquietações. Os constrangimentos da forma escolarmente impostos da leitura ideal, em grande medida, moldam as relações dos estudantes com as obras literárias. E, por esse caminho nem sempre de modo frutífero conforme nos mostram análises já elaboradas por Patrícia do Amparo.

Um pouco da minha história: a ocupação dos espaços da casa e a atividade de ler ou uma pequena incursão pela história da “mesa manca”

Entre meus vinte e cinco e trinta anos e por muito tempo ainda, eu lia no escritório que organizamos, na nossa primeira casa e ao nos mudarmos para um segundo apartamento antes das filhas nascerem e até antes da adolescência delas. Daí perdemos de vez esse espaço de ler para que cada uma delas tivesse um quarto para si. O escritório era um espaço de recolhimento que, de certo modo, nos isolava do movimento da casa. Uma pessoa conhecida, profissional da mesma área, após uma reforma dispunha de um “escritório panóptico” que, dando para o centro da casa, a partir das paredes parcialmente envidraçadas, permitia controlar casa, crianças e o funcionamento de tudo. Não sei se era um espaço de recolhimento.

Lugar de ler, lugar de escrever. Talvez porque também tivéssemos desejado uma “visão panóptica”, ou aproximada disso, não lamentamos deixar progressivamente o escritório para nos concentrarmos em ler na sala. Tudo

era mais dispersivo, sem dúvida, mas podíamos espalhar mais materiais na mesa maior. Que com o tempo e graças a ter acolhido muitos livros tornou-se “manca”. Fazem parte de sua história: a escrita de duas dissertações de mestrado, duas teses de doutorado, uma de livre docência, grande parte de uma outra de mesmo nível e muitos, muitos outros textos. Em *Os objetos e a vida – Reflexões sobre as posses, as emoções, a memória*, Giovanni Starace (2015), psicanalista italiano, propõe a história dos objetos, do ponto de vista da sua associação, permanência e significado para os diversos momentos da existência, pensamento e vida das pessoas. Ele tematiza justamente esses cruzamentos da concretude do uso dos objetos com a construção e atribuição de sentidos que, aos poucos, vamos fazendo.

Posso começar por dizer: a mesa ficou manca porque sempre colocávamos todos os livros, muitos, de um mesmo lado para favorecer o manuseio e garantir a melhor posição para o trabalho. Mas, a mesa manca não era só de ler, era de comer, de escrever, de fazer reuniões com os amigos. Estou com ela há quatro décadas e talvez metade das muitas leituras que fiz, ao longo da vida, tenha sido sobre ela. Madeira escura, estilo rústico, o desgaste da idade, algumas marcas em seus pés, originadas de mordidas dos cachorros filhotes que em tempos diferentes já habitaram a casa. E nos alegraram. Difícil desfazer-me dela, mesmo tendo outra nova e maior (e até mais bonita, na minha opinião) em torno da qual leio, escrevo, ouço os amigos e vivo uma parte boa (e boa parte) do tempo. Starace, lembrado há pouco, nos diz:

Cada um de nós pode ser reconhecido nos muitos (ou nos poucos, digo eu) objetos que possui, nos quais podem ser rastreados os sedimentos psíquicos da própria história pessoal [...] Moldura íntima de sua existência, representação viva dos processos que atravessou. Itinerários

passíveis de serem narrados com eficácia e imediatismo graças aos objetos que os acompanham. (STARACE, 2015, p. 9)

Vasta literatura é conhecida sobre o livro como objeto e os sentidos de sua posse. A vida de bibliófilos ilustra bem essa relação e, aqui próximo de nós, a Biblioteca Mindlin (na USP) mostra exemplarmente o que se possa pensar sobre a posse individual do livro e o reconhecimento da importância da dimensão pública da leitura. E a biblioteca como obra da vida paciente de José Mindlin, tenazmente dedicada a amar, encontrar e cuidar dos livros até sua doação para uma instância na qual eles continuarão sua existência protegidos e ao alcance de um grande número de leitores.

Fragmentos da leitura na infância e lembranças das casas

Disse, de início, que realizamos em minha casa leituras d' *A poética do espaço* de Gaston Bachelard (1993). Um de seus capítulos se chama "A casa. Do porão ao sótão. O sentido da cabana" e outro "Casa e universo". Muitas e belas imagens nos fazem dar conta de tudo o que mora em nós sobre as casas onde moramos, a proteção sonhada pelos recantos e os tempos da vida que nelas se passaram. Escadas, porões, sótãos, cantos, ninhos, conchas e gavetas, a ideia de uma espécie de toponímia dos espaços de proteção e da imaginação que se alimenta deles. Retomando palavras de R. M. Rilke, o autor escreve "a casa mantém a infância imóvel" (Rilke apud BACHELARD, 1993, p. 27). Imobilizaram-se em minha memória as cenas primeiras de leitura, em todos os lugares da casa, no sofá da sala, deitada com os pés na parede e noutras cenas, na mesa, da cozinha ou da sala. No chão ou na cama. Do imenso desejo de aprender a ler, jornais, de preferência para poder partilhar a leitura com meu pai e me fica a imagem cotidiana dele lendo durante

as refeições. Para a impaciência impotente de minha mãe. E para os dois a minha disposição de ler em voz alta, mostrar minha capacidade e ver nas suas expressões algo como o contentamento pelo que eu era. Dele, também, a sua imagem nos fins de semana, muitas horas, com os livros e as revistas. Leituras da mãe: um ou outro romance, alguns livros de autoajuda (hoje sei) e fotonovelas. As minhas leituras desde cedo: as histórias infantis clássicas: *A bela adormecida*, *A gata borralheira*, *Chapeuzinho Vermelho*, *O pequeno polegar*, por exemplo. Logo aos oito anos essas histórias e outras reunidas num volume grande, ilustrado e muito querido, presente do pai. Até hoje conservado. Essa iniciação aos livros foi significativa e importante para a formação do hábito. Mesmo que não se possa dizer que se constituiu num trunfo do capital cultural legítimo. Já disseram a partir de Bourdieu que, nesses casos, não é tanto a universalidade da cultura que está em jogo, mas sim "a universalidade da biblioteca dos pais". Simultaneamente a escola fazia, no meu caso (e fez tão bem quanto possível), o seu papel para essa compensação. Ao afirmar isto faço, no entanto, ressurgir perguntas que partilhávamos nas discussões referidas no começo deste escrito. Até que ponto a democratização das práticas culturais na escola pode e está sendo, de fato, concretizada? Mas, não é esse um dever da escola?

Muitas e belas páginas da literatura já foram escritas para rememorar a iniciação escolar, os momentos inaugurais da vida nessa instituição e o aprendizado da leitura. Sem nos alongarmos em excesso vale pelo menos lembrar os sempre citados relatos de Graciliano Ramos, Raul Pompéia e Zélia Gattai, por exemplo, que tivemos ocasião de retomar em artigo publicado em 2000 (CATANI, BUENO e SOUSA, 2000). E um depoimento bastante original e que precipita – para todos os que dele tomam conhecimento – memórias acer-

ca do aprendizado da leitura nos é dado por Françoise Dolto em *Auto retrato de uma psicanalista 1934-1988*, publicado no Brasil em 1990. Seu relato acentua desde o desejo comum às crianças de poder ler para assemelhar-se aos adultos, saciar a curiosidade pelo que de tão envolvente deve haver nos livros e muito rapidamente o tédio sentido com alguns exercícios infundáveis que, metodicamente, pretendem conduzir o aprendizado. Assim, conta ela, tendo conseguido aprender em quatro meses, leu o livro que a tinha motivado mais para isso e que ela pacientemente olhava todos os dias. Não achou nada. Suas palavras: “devorei *As babuchas de baba Hassein* para perceber que aquilo era uma idiotice e que, realmente, saber ler não servia para nada! Então resolvi desaprender. É extraordinário o trabalho que fiz para desaprender a ler!” (DOLTO, 1990, p. 72). Sobre a impossibilidade e diante das explicações de quem lhe havia ensinado lembra que “ficava furiosa com a sujeira que me haviam feito: ensinar alguma coisa que não se pode mais desaprender (...) Jamais consegui desaprender. Aí li outros livros e ainda outros que me interessaram. Pouco a pouco toda a biblioteca da casa de Deauville passou por mim.” (DOLTO, 1990, p. 73). Experimentei sensação aproximada aos seis anos, sem o propósito de “desaprender” mas numa tentativa de olhar para as letras e não conseguir ler. Tentei várias vezes até desistir, mas achando o fato muito estranho.

Volto a minha reconstituição e antes de prosseguir no tempo e deixar a minha infância, umas tristes palavras sobre um livro perdido. Falta e vazio, por muitos anos, foram sentidos quando pensei no seu desaparecimento. A história era a de uma família de coelhos, uma bela floresta e um colorido maravilhoso que agora não sei se real ou imaginado. Talvez o livro pertencesse à série *Pedro, o coelho* de Beatrix Potter, cuja biografia filmada vim a

conhecer muito tempo depois. Algumas razões tenho para supor isto. Mas, disseram-me também, há pouco tempo, que devia ser a história de um coelho chamado Joca e seus irmãos. Não tenho a quem perguntar nesse momento. Talvez ele tivesse inaugurado minha biblioteca, ao lado de revistas da Disney (não me lembro bem). Tão cedo inaugurou como ensinou a dor da perda. A proliferação dessa biblioteca concreta veio com o tempo, mais lentamente do que eu penso que desejava. Proliferou a pequena biblioteca pelo acréscimo de livros de histórias, mas também dos didáticos.

Essa lembrança vem também de Giorgio van Straten, (diretor do Instituto de Cultura Italiana de Nova York) com *Histórias de livros perdidos* (2018) que nos apresenta uma grande variedade de categorias de obras perdidas lembrando-nos daquelas que não foram escritas, só sonhadas, das que de fato perdemos, das que foram publicadas e desapareceram. Aqui podemos até citar um exemplo da história da educação brasileira: o de José Feliciano de Oliveira, ex-professor de Astronomia na Escola Normal, que em 1932 teve desaparecida toda a edição da obra *O ensino em São Paulo: algumas reminiscências*, provavelmente em função de sua visão divergente sobre os primeiros momentos da educação em nosso estado, em especial no que diz respeito ao papel de Caetano de Campos e à importância do reformador republicano da formação docente, ao final do século XIX, quando confrontado por José Feliciano ao papel exercido por Gabriel Prestes que ocupou também o cargo de diretor da Escola Normal. O escrito viria a ser reeditado na década de 1960 do século XX pelo Centro do Professorado Paulista (CPP) com uma nota explicativa sobre seu desaparecimento. E dentre os livros que foram perdidos, o que dizer daqueles “queimados, rasgados, roubados”? O tema do roubo em livrarias por jovens é recorrente na literatura e nas obras de história da

leitura. E, igualmente, o do fantasma do “incêndio na biblioteca”, que aparece, por exemplo, no romance de Elias Canetti (*Auto de fé*) ou nas incursões por esse grande temor feitas por Jean-Claude Carrière em conversa com Umberto Eco (*Não contem com o fim do livro*) quando pensam naqueles que tentariam salvar do desastre.

Ler no quarto, ler na cama

A adolescência me trouxe um tempo de intensificação da leitura. Estava decidido que “seria preciso estudar muito para ter um bom trabalho”. Palavras que impregnaram a minha educação. Se quiséssemos poderíamos nos alongar sobre a escolha da profissão pelas mulheres em segmentos sociais menos favorecidos. Mas, voltemos aos vários anos, em cujas tardes lia sem parar durante horas. No quarto, na cama. O núcleo da casa adolescente era o quarto. Nas casas da infância todos os lugares eram de ler, na casa adolescente o lugar de ler era o quarto. Interessou-me, há algum tempo, a obra de Michelle Perrot *História dos Quartos* (2011), na qual se encontra vasto estudo acerca dos quartos, de dormir, individuais, conjugais, de crianças, de mulheres, de hotéis, de operários, de hospitais, tudo o que se passa (ou pode se passar) neles e sua presença sempre invocada na literatura. Na parte dedicada aos quartos individuais há um item sobre o Ler e outro sobre o Escrever. Segundo ela “Entre a leitura e o quarto, os laços são antigos e múltiplos. A leitura solitária, silenciosa, nele encontra refúgio” (PERROT, 2011, p. 87). Recorrendo a diferentes momentos históricos ela lembrará que as mulheres no século XIX “são leitoras cuja bulimia preocupa padres e moralistas, que temem a influência dos romances em seu emprego do tempo, seus nervos e seu imaginário. [...] As mulheres que lêem são perigosas.” (PERROT, 2011, p. 88). E para falar do ler na cama ela

nos remete a Alberto Manguel, que em sua conhecida *Uma história da Leitura* (1997) observa “Ler na cama é um ato autocentrado, imóvel, livre das convenções sociais comuns, invisível ao mundo, e algo que por acontecer entre lençóis, no reino da luxúria e da ociosidade pecaminosa, tem algo da emoção das coisas proibidas” (MANGUEL, 1997, p. 180). Na adolescência, sem dúvida, também impregnei-me desse prazer de ler na cama cuja lembrança me faz concordar com Manguel (1997) quando afirma que ler na cama fecha e abre ao mesmo tempo o mundo ao nosso redor. Na mesma vertente já se disse muito da leitura como vício, um “vício impune”.

Pensar esse tempo da vida adolescente remete-me também à narrativa de Manguel intitulada *Com Borges* (2018) no qual ele rememora seus dezesseis anos e o tempo (1964 a 1968) em que ia diariamente à casa do escritor (cego) ler para ele. Relata com detalhes a situação, o apartamento, a escolha do que ia ser lido e as observações riquíssimas feitas por Borges. Ao final da rememoração diz não saber bem se as coisas se passaram como ele se lembra, mas fala de si:

O garoto que subiu a escada está perdido em algum lugar no passado, assim como o velho sábio que gostava de histórias. Ele se deliciava com metáforas antigas – o tempo como um rio e a vida como uma viagem e uma batalha. Essa batalha e essa viagem agora acabaram para ele, e o rio levou quase tudo daquelas noites, exceto a literatura, que (Borges citaria Verlaine) é o que resta após o que é essencial e está sempre além do alcance das palavras ter se manifestado. (MANGUEL, 2018, p. 67-68)

Não tive privilégios dessa natureza, não li para um escritor. Nem mesmo conhecia nenhum. Apenas povoei minha adolescência de livros. Comprados com sacrifício, doados por um funcionário de editora amigo do meu pai ou retirados com um cartão de minha mãe,

de uma biblioteca de bairro. Iniciou-se nesse tempo a voracidade pelos livros, sem nenhum critério exceto achar que ia gostar, ter gostado e procurar todos de um mesmo autor ou autora de quem gostei. Boas leituras, más leituras, exerci minha liberdade com muita alegria. E de modo puramente intuitivo, para atender ao prazer, fui fortalecendo o hábito que naquela hora não sabia ser tão importante para a minha futura profissão (hábito de buscar sempre ler o maior número possível de obras de um mesmo autor para melhor apreciar seu pensamento).

Dos onze aos dezesseis anos no quarto, na cama, li todas as tardes em que não precisei fazer trabalhos da escola. *“Essa menina só lê. Isso não vai fazer bem. Devia era ajudar a mãe no serviço de casa!”* Palavras de uma tia velha do meu pai. Mas, para ele e minha mãe ler era um valor. De fato, eu só lia e intensificava o gosto, tal como a partir de Bourdieu, Roni Cleber Dias de Menezes já mostrou na descrição de sua própria história de relações com a leitura. No meu caso, daquele tempo fazem parte M. Delly (histórias para moças, com final feliz), Jorge Amado (tudo), Érico Veríssimo (muitos), Graciliano Ramos (alguns), pouquíssimo Monteiro Lobato (que não me atraía), Emile Zola, Anatole France, José de Alencar, Machado de Assis (lidos com prazer e não por obrigação) e outros dos quais não me lembro agora. As imagens desse tempo vêm sob a forma dos inúmeros mundos fictícios nos quais andei e das personagens que encarnei entre os livros e a minha imaginação que adquiria, nesses momentos, o delicioso poder de se desenfrear vivendo com intensidade os deslocamentos de uma a outra obra.

A entrada no curso Normal me situa bem à frente das pessoas da minha idade nas experiências com os livros (não em outras). Mas daí um outro tempo chega, o do gosto pelas “leituras fortes” provavelmente “vergonhosas”,

no sentido que a escola ou as pessoas acham que se deve ter vergonha, para usar a categoria introduzida pelo comentário de Ana Laura Godinho Lima no âmbito de nossas intervenções e trocas sobre o tema quando a questão das chamadas “leituras legítimas” foi analisada em função das representações dominantes no ensino superior. No meu caso, lembro-me de ter lido o que não era recomendado para jovens de um colégio de freiras (na década de 1960). Adelaide Carraro, Nelson Rodrigues, Julio Ribeiro e Henry Miller, dentre muitos. O livro podia ficar embaixo da carteira que tinha o suporte para guardar materiais e ser lido aos poucos enquanto a professora não estivesse olhando. Nelson Rodrigues durante as aulas de religião tinha um sabor especial, quase como o de balas de hortelã, nas tardes de leitura na cama. Muito melhor do que os livros didáticos com os quais demorei muito a me reconciliar por considerá-los tediosos e, até mesmo, simplistas, embora não tivesse muita fundamentação para avaliar. Não estou só quando penso nas ponderações de Vivian Batista da Silva, relativas aos textos escolares e à origem dos seus interesses de pesquisa (obras didáticas e manuais pedagógicos). Houve espaço nesse período para a poesia, mas o gosto só se intensificaria na universidade: Carlos Drummond de Andrade, Fernando Pessoa e Vinicius de Moraes.

O lugar dos livros que não lemos, dos títulos que conhecemos e a questão das possibilidades de acesso

Com o gosto firmado pelo ler sem parar, surpreendo-me na entrada da universidade com as demandas que, por vezes, reconheço exageradas (quantitativamente) e com a necessidade de demonstrar familiaridade com tudo:

construir relações, conhecer muitas obras (ou, pelo menos, seus títulos) e ler em algumas línguas. Início de um tempo de tentativas (nem sempre felizes) de sobreviver a essas exigências. O depoimento de Juliana de Souza Silva corrobora incompreensões dos professores quanto à necessidade de “ensinar a ler” como se espera na universidade. Muito poderia ser dito sobre as formas de viver essas exigências e os efeitos daí advindos. Não cabe aqui, mas pode-se pelo menos lembrar rapidamente a análise feita por Bourdieu e Passeron na obra *Os Herdeiros*, há mais de cinquenta anos, na qual estes aspectos da vida universitária e do comportamento de alunos e professores foi objeto de atenção.

Jean-Claude Carrière e Umberto Eco (2010) encontram fórmulas bem-humoradas para responder à questão sobre se já leram todos os livros que possuem. Desde a afirmação e a observação de que já se leu muito mais do que aquela quantidade enorme que se vê em suas estantes até a reação semi ofendida que lembra o fato de não se usar a melhor louça que temos todos os dias. Nenhuma concessão é feita e eles insistem sobre a explicação do sentido de posse dos livros, das leituras sempre postergadas e da familiaridade que advém de “saber onde está, de ter visto referido noutra obra ou de conhecer mediante outros autores” (CARRIÈRE; ECO, 2010), enfim aquilo que sabemos constituir o tecido das referências culturais e literárias. Sobre os sentidos das referências, aliás, cabe lembrar seu papel formador na vida universitária. Não ter lido, mas saber onde se pode encontrar o que se quer ou se precisa ler, em qualquer tempo, é de fato também uma vantagem indiscutível pois supõe um trânsito razoável pelas referências e, é óbvio, constitui um privilégio adquirido por generosas partilhas feitas por bons professores.

Num outro ponto das formas universitárias de ler, posso exemplificar o privilégio de

ter tido aula com dois professores (José Mario Pires Azanha e Balthazar Barbosa Filho) que se dispuseram a conversar muitas horas seguidas sobre as leituras que me indicavam, quinzenalmente, sobre filosofia das ciências e em conexão com a tentativa de pensar o estatuto e a natureza dos estudos educacionais. Popper, Feyerabend, Kuhn, Hempel, Hanson, Bachelard, Koyré, Nagel, Bunge. E também, Cassirer, Freud, Sartre, dentre outros. Assim o fizeram durante uns dois anos, no final do curso de graduação e início do mestrado. E depois desse tempo sempre pude voltar a contar com a generosidade destes professores quando o que lia exigia compreensões mais refinadas. Não posso deixar de lembrar que com ele também foi fortalecida a busca das obras literárias: Proust, Rilke, Simone de Beauvoir e Eça de Queirós, dentre outros, vieram com eles. E sem insistir explicitamente sobre os bons efeitos dessas leituras na escrita dos que se dedicam às ciências humanas, eles estimulavam o meu gosto pré-existente e que viria a se transformar em convicção ao ser proposta aos alunos que tive. Sem dúvida, tais experiências foram decisivas e também formativas para o meu exercício do magistério ao longo da vida. Aprendi valores e princípios vitais para as relações pedagógicas: acolhimento, partilha, respeito pelo conhecimento, generosidade intelectual. E, dentre outros aprendizados figura também a atitude acolhedora para a leitura dos textos produzidos pelos alunos e a tentativa de levá-los a amar os seus escritos, no sentido de cuidar deles e aperfeiçoá-los mediante releituras em busca de maior precisão para o que pretende ser comunicado. E o estímulo a eventuais reescritas dos textos com o apoio de colaborações advindas dos meus comentários e das observações dos colegas. Penso que pude construir essa espécie de atenção às leituras e releituras nos processos de ensino, aprendizagem e avaliação, como uma atitude enraizada nas

experiências e exemplos dos professores (perdoem-me o tom ultrapassado) que se empenharam em cuidar das minhas maneiras de ler.

Ler no ônibus, no metrô, nos banheiros e nas bibliotecas

Se posso ainda deter-me um pouco sobre os espaços de leitura, tal como enunciei no título, começo por remeter minhas memórias para o espaço físico das bibliotecas, talvez o mais nobre dentre os relacionados e também aquele do qual se fala muito. E sobre o qual também a literatura é vasta. Assim, menciono os encantos da biblioteca de bairro onde ia buscar “o mundo” com o cartão da minha mãe, quase sinto de novo o cheiro do lugar e a alegria diante das estantes. E as muitas horas na biblioteca da FEUSP, durante a segunda metade da década de 1980 na pesquisa e redação de partes da tese de doutorado apaixonando-me pelos acervos da Paulo Bourroul e Macedo Soares com seus materiais do século XIX e o cheiro único que exalavam. E o silêncio e as descobertas e reflexões. Prazeres. Não posso falar de todas as bibliotecas físicas nas quais vivi, trabalhei e me deixei fascinar pelas muitas literaturas. Se penso agora na minha biblioteca, em casa, vejo-a em sua dispersão: pelas ciências humanas (educação, história, filosofia, sociologia, psicologia, antropologia) pela literatura (dos clássicos aos policiais, da literatura brasileira a de muitos outros lugares, contemporâneos de autores jovens, já consagrados e não consagrados, muito jovens e nem tanto). E em sua dispersão pela casa. Penso na liberdade de leituras que se instaurou com o passar dos anos na tentativa de compensação por já ter sido obrigada a abandonar uma biblioteca partilhada. Efeito: livros em profusão, livros pela casa inteira. Da biblioteca vivida, a que ressoa em mim, muitas vezes independentemente do meu conhecimento do fato: Bour-

dieu, Chartier, Certeau, Freud, Popper e Kuhn, Benjamin, Montaigne, Sartre... Não posso nomeá-los todos. E a ficção? Proust, Machado de Assis, Duras, Piglia, impossível enumerá-los. Sempre me ocorre mais um e a triste sensação de injustiçar os autores ao não mencioná-los. E sempre acontecem acréscimos, para minha felicidade e sem parar. E já não sou capaz de bem refazer seus efeitos. Mas, se a questão é ser mais justa, ao reescrever este texto que, sob forma mais abreviada foi lido em encontro com colegas e alunos, em tempos “pré pandêmicos”, penso que devo trazer aqui algo da lembrança recente do prazer de ler novamente poesias. Wislawa Szymborska, polonesa, Nobel de Literatura em 1996, cuja obra tem sido posta a nossa disposição em cuidadosas e belas traduções.

Agora, ao voltar a pensar em lugares de ler, preciso advertir que não me encanta a combinação das sacudidas do ônibus com a concentração, por mínima que seja, exigida pela leitura. E além disso estou sempre atenta ao que se passa ao meu redor nessas circunstâncias, o que agrava a desconcentração. No metrô, o tempo que passo é raro, esporádico e não me fascina do mesmo modo ler neste espaço. Bem diferente da situação que, aprendemos pela intervenção de Katiene Nogueira da Silva quando ela se refere ao depoimento de Florestan Fernandes sobre sua experiência de aluno dos professores da missão francesa que ajudara a fundar a USP. Falava ele da surpresa dos professores com o fato dele ler Durkheim no bonde, num trajeto que devia ser demorado o suficiente para permitir atenção à leitura. Do centro da cidade ao bairro da Penha, na zona leste da cidade.

Pensava, inicialmente, em referir-me à leitura nos banheiros, depois houve momentos nos quais achei que seria melhor nem mencionar e por fim, por vício, esperança ou não sei bem... Fui ver, em minhas estantes se lo-

calizava algo já dito sobre. Não fiz uma pesquisa propriamente. Mas, como de outras vezes, sempre que começo a correr o risco de me achar original, saio em busca do já dito e obrigo-me a relativizar essa vaidade. Dessa vez não foi diferente e vi-me confrontada com referências de Barthes quanto ao assunto e com um capítulo de Henry Miller, na obra *Os livros de minha vida*, (2006) que tenho em edição portuguesa. No caso, o capítulo chama-se “Ler na retrete”. Ironia, perspicácia e muita observação acumulada levam-no a aprofundar os sentidos de ler nesse lugar. Segundo ele foi o lugar seguro onde devorar os clássicos proibidos em sua juventude. Ainda que concentrando a atenção nos hábitos de leitura no banheiro, o autor traz, no capítulo, elementos desafiadores à nossa imaginação incitando-nos a fazer uma rememoração como a sua e a confessar a curiosidade que o levou a indagar a amigos se e como liam neste espaço da casa e ensaiar hipóteses sobre as formas de apropriação dessas leituras.

Dou-me conta agora que esta incursão pelos tempos e espaços do ler talvez não tenha fim, tal é a minha adesão a esta atividade e o prazer de lembrar. Vício de ofício? Parece-me lógico. Esforçando-me por respeitar o peso e a leveza devidos a cada um dos termos e problemas que aqui recorreram (a leitura, o gosto, o que fazer da escola e dos professores, o livro, o ofício, o vício, as bibliotecas vividas e concretas) uso a observação do diretor espanhol Almodóvar para me justificar (parcialmente, ao menos) pelas escolhas que faço ao construir estas reflexões. Relembrando algo que lhe diz muito, ele cita “tudo o que não é autobiográfico é plágio”.

No cerne do que quero mostrar está o caráter frutífero das relações com a leitura. E as muitas indagações com as quais fomos nos deparando. E a responsabilidade imensa que pesa sobre nós, professores, no que respeita

à leitura, da formação do gosto à exploração do mundo, da possibilidade de todos os outros aprendizados escolares à conservação da fantasia e da capacidade de sonhar a realidade, a arte, os futuros possíveis.

Referências

- BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- BOURDIEU, Pierre. Leitura, leitores, letrados e literatura. In: BOURDIEU, Pierre. **Coisas Ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990. p. 134-146.
- BOURDIEU, Pierre. **Os herdeiros**: os estudantes e a cultura. Florianópolis: UFSC, 2014.
- CALVINO, Ítalo. **Por que ler os clássicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- CARRIÈRE, Jean-Claude; ECO, Umberto. **Não contem com o fim do livro**. Rio de Janeiro: Record, 2010.
- CANETI, Elias. **Auto de fé**. São Paulo: Cosac Naify, 2004.
- CATANI, Denice Barbara; BUENO, Belmira Amélia Oliveira; SOUSA, Cynthia Pereira de. “O amor dos começos”: por uma história das relações com a escola, **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, Fund. Carlos Chagas/ Ed. Autores Associados, nº 111, p. 151-171, dezembro/2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742000000300008&lng=en&nrm=iso> Acesso em:15 jun. 2020.
- DOLTO, Françoise. **Auto retrato de uma psicanalista**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1990.
- CARRIÈRE, Jean-Claude; ECO, Umberto. **Não contem com o fim do livro**. Rio de Janeiro: Record, 2010.
- GRAZIER, Michelle. **Le goût de la lecture**. Evreux: Mercure de France, 2010.
- MANGUEL, Alberto. **Uma história da Leitura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- MANGUEL, Alberto. **Com Borges**. Belo Horizonte: Âyné, 2018.

MILLER, Henry. **Os livros de minha vida**. Lisboa: Antígona, 2006.

PERROT, Michelle. **História dos Quartos**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

STARACE, Giovanni. **Os objetos e a vida** – Reflexões sobre as posses, as emoções, a memória. São Paulo:

Martins Fontes, 2015.

STRATEN, Giorgio van. **Histórias de livros perdidos**. São Paulo: UNESP, 2018.

Recebido em: 05/11/2020

Aprovado em: 20/04/2021

Denice Barbara Catani é Professora Titular aposentada (Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo). Mestre, doutora e livre docente pela mesma instituição, exerceu também os cargos de chefia do Departamento de Metodologia de Ensino e Educação Comparada e coordenação do Programa de Pós-graduação em Educação. Realiza estudos de história da educação e formação de professores e publicou livros e artigos em periódicos no Brasil e no exterior. E-mail: dbc@usp.br